

## UMA ABORDAGEM SOBRE A RECATEGORIZAÇÃO REFERENCIAL: TRABALHANDO A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM TEXTO MULTIMODAL

**Ivaneide Gonçalves de Brito**<sup>1</sup>  
Doutoranda em Letras – UERN

**Lidiane de Moraes Diógenes Bezerra**<sup>2</sup>  
Doutora em Estudos da Linguagem – UERN  
Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN

### RESUMO

O presente artigo consiste em um estudo sobre a construção de sentidos que se estabelece pelo processo de recategorização referencial, com o intuito de evidenciar que os textos multimodais constituem um rico aporte para a atividade referencial e, conseqüentemente, para uma vasta produção de sentidos. O trabalho resulta de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa. O embasamento teórico alicerça-se, sobretudo, nos estudos de Cavalcante *et al.* (2017), de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), de Custódio Filho (2011), de Lima e Cavalcante (2015), e de Silva e Custódio Filho (2013). A análise organiza-se em torno de uma charge, na qual, para que sejam produzidos seus efeitos de sentido, apropriou-se da estratégia recategorizadora referencial. Atentando ao universo dessa pesquisa, portanto, os resultados atestam que a recategorização tem um valor significativo para a construção dos sentidos em textos multissemióticos, revelando-se como uma estratégia promissora para o ensino da produção de texto.

**Palavras-chave:** Referenciação. Recategorização. Texto Multimodal. Construção de Sentidos.

### Introdução

Os estudos sobre referenciação têm demonstrado o quanto esse campo de pesquisa é essencial para a produção dos sentidos do texto. Sendo um fenômeno altamente dinâmico, no qual se destaca a construção de objetos de discurso e sua reconstrução por um processo de recategorização, a referenciação tem se configurado uma importante estratégia para o trabalho com o texto nos seus diversos contextos de produção. A atividade referencial, desse modo, tem se constituído um aspecto basilar para a construção da coerência textual, uma vez que está intrinsecamente ligada à continuidade tópica e à progressão temática nos textos.

Neste estudo, entre uma gama de funções desempenhadas pelos processos referenciais, focamos a recategorização referencial em um texto multimodal, por acreditarmos que, por esse viés, são construídos sentidos que poderiam não ser percebidos em uma leitura que levasse em conta apenas aspectos cotextuais. Assim, consideramos que um texto que envolve

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: [ivaneidegbrito@hotmail.com](mailto:ivaneidegbrito@hotmail.com)

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: [lidianemorais@uern.br](mailto:lidianemorais@uern.br)

multissemioses, com destaque para o verbal e para o visual, situado contextualmente, pode constituir-se um vasto campo para análises e para múltiplos efeitos de sentido.

Apesar de sabermos dos muitos trabalhos já desenvolvidos no âmbito dos estudos linguísticos, acerca das práticas referenciais, julgamos que muitas pesquisas ainda são necessárias para ampliarem os achados de outras e para avançarem nos conhecimentos da área. Um breve levantamento acerca dos trabalhos já consolidados evidencia que a grande parte deles se volta para uma abordagem mais genérica, postulando o referente como uma entidade homologada no texto por uma expressão referencial. Nesta empreitada, seguimos por outra direção, a de esclarecer que o objeto de discurso nem sempre está explicitado verbalmente no texto, tampouco sua recategorização.

Nesse cenário, propomos uma análise da recategorização referencial pela articulação das semioses visuais, embora o texto também apresente elementos verbais que se somam aos imagéticos para a produção de sentidos. A proposta foi guiada pela teoria da construção de referentes sem menção de uma expressão referencial (LIMA; CAVALCANTE, 2015; CUSTÓDIO FILHO, 2011) e pelo princípio da não linearidade da referenciação (CUSTÓDIO FILHO, 2011; SILVA; CUSTÓDIO FILHO, 2013).

Interessou-nos, nesta abordagem, conhecer a aplicabilidade das propostas dos autores, verificando os efeitos de sentido que poderiam ser obtidos pela prática recategorizadora referencial em um texto multimodal, o que resultou na constatação de que esse processo é altamente significativo para a produção e a compreensão dos textos em diversos contextos de aprendizagem. Ademais, pensamos que esta reflexão pode contribuir para os estudos no campo da referenciação, sobretudo para aqueles que se associam ao terreno da multimodalidade.

O estudo que ora apresentamos está organizado em sete seções, a começar por estas linhas introdutórias. A seguir, fazemos uma contextualização do fenômeno da referenciação, com destaque para o processo de recategorização e, ainda que brevemente, discorremos sobre a interface entre referenciação e multimodalidade. Mais à frente, estão os aspectos metodológicos, a análise sobre a construção de sentidos e, por último, as nossas considerações.

### **Contextualizando a referenciação**

A partir da década de 1990, os estudos sobre referenciação ganham espaço no âmbito da Linguística Textual (LT), destacando-se, entre eles, os de Mondada e Dubois (2018 [1995]), que passaram a questionar a concepção clássica de referência, no sentido de que a língua referia

as coisas do mundo, isto é, em uma referência direta e objetiva, as palavras representavam objetos/coisas. Tal concepção, na visão das autoras, não era adequada, uma vez que esse fenômeno não significava, de fato, uma relação de representação das coisas, mas uma relação entre o texto e o discurso, na qual os objetos de discurso não são dados, mas construídos na e pela interação. Nesse contexto, a noção de referência dá lugar a de referenciação.

A referenciação configura-se, por esse viés, como um processo de natureza sociocognitiva-discursiva em que, por meio do qual, são construídos os objetos de discursos (MONDADA; DUBOIS, 2018 [1995]). A abordagem de Apothélos e Reichler-Béguelin (1995) também foi pioneira nos estudos sobre referenciação. No Brasil, destacam-se os trabalhos precusores dos professores Ingedore Koch e Luiz Antonio Marcushi e, mais recentemente, da professora Mônica Magalhães Cavalcante e dos membros do PROTEXTO<sup>3</sup> e do Grupo de Pesquisa GPLINT<sup>4</sup>, liderado pela professora Leonor Werneck dos Santos.

Ao longo dessas três décadas, houve uma evolução dos estudos referenciais, os quais, inicialmente, detinham-se na análise de textos eminentemente verbais, passando, nos últimos anos, a compreender também aqueles que envolvem diferentes semioses, como os verbo-imagéticos (Cf. CAVACANTE *et al.*, 2017; CUSTÓDIO FILHO, 2011; LIMA; CAVALCANTE, 2015; RAMOS, 2012). Os primeiros estudos focavam na referenciação como uma estratégia de estabelecimento da coesão nos textos; com o desenvolvimento de novas pesquisas, a referenciação passou a ser vista também como um mecanismo de construção da coerência e, conseqüentemente, de produção de sentidos.

Os sentidos são, pois, construídos a partir da manifestação de três processos referenciais: a introdução referencial, a anáfora e a dêixis. A introdução ou ativação de referente (ou objeto de discurso) ocorre quando este aparece pela primeira vez no texto. A introdução pode dar-se pela manifestação de uma expressão linguística, como comumente acontece em textos verbais, ou pela utilização de informações visuais, no caso de textos verbo-imagéticos ou totalmente visuais. Nessas circunstâncias, em textos multissemióticos, é bastante complexo afirmar qual elemento assumirá a função de introdução referencial, uma vez que os interlocutores podem acessar de maneiras diferentes um dado referente (Cf. CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

---

<sup>3</sup> Grupo de Pesquisa em Linguística da Universidade Federal do Ceará, liderado pelas professoras Mônica Magalhães Cavalcante e Mariza Angélica Paiva Brito.

<sup>4</sup> Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT) da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A anáfora<sup>5</sup> envolve diferentes processos, como os que se estabelecem por correferência, as chamadas anáforas diretas, e aquelas que não apresentam correferencialidade com outra expressão, no caso das anáforas indiretas e encapsuladoras. No entanto, qualquer que seja o tipo anafórico, todos eles têm o papel de continuar uma referência (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014), contribuindo para a construção dos sentidos no texto e para a continuidade tópica e a progressão temática. Ao operar uma retomada ou uma remissão a um antecedente textual, a expressão anafórica cumpre o papel de categorizar e/ou de recategorizar esse referente.

Acerca das anáforas recategorizadoras, abordadas inicialmente por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), constituem expressões referenciais que elucidam a transformação de um dado referente ao longo do texto e refletem o direcionamento argumentativo que o locutor pretende dar ao seu texto (CAVALCANTE, 2018). Em outras palavras, à medida que um referente é recategorizado, passa por mudanças na sua concepção, as quais influenciam a compreensão do interlocutor em relação ao teor comunicativo do texto.

A dêixis define-se pelos vínculos constituídos entre o cotexto e a situação de interação em que se encontram os sujeitos da comunicação (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Segundo Cavalcante (2018), o que define esse processo é o fato de que só é possível a identificação da entidade a que um elemento dêitico se refere se pudermos reconhecer, ainda que em parte, quem está fazendo uso da expressão dêitica, o local e/ou o tempo em que esse interlocutor se encontra.

O fenômeno pode ser classificado (Cf. CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014) como:

- (i) *dêixis pessoal*, com destaque para o uso dos pronomes pessoais;
- (ii) *dêixis social*, que, assim como a dêixis pessoal, também faz referência aos interlocutores. Contudo, sua ocorrência reflete relacionamentos em sociedade que condicionam a escolha de níveis de formalidade em maior ou menor grau, como uma espécie de particularização dos dêiticos pessoais (exemplo dos autores: “sogra”, “senhor”, “professor”);
- (iii) *dêixis espacial*, que indica uma noção de proximidade ou de distanciamento do locutor em relação ao objeto de discurso;
- (iv) *dêixis temporal*, que apresenta uma fronteira de tempo e adota por referência o posicionamento do locutor no momento da interação;

---

<sup>5</sup> Não faremos, neste trabalho, por uma questão de economia linguística, uma categorização dos tipos mencionados.

(v) *dêixis textual*, constituindo um processo híbrido, que inter-relaciona uma função anafórica ou de ativação referencial com uma função dêitica, considerando o espaço em que o texto se materializa, além de possuir um caráter metadiscursivo (exemplos dos autores: “no exemplo anterior”, “essa expressão”, “na ilustração abaixo”);

(vi) e *dêixis de memória*, que se propõe a dar indícios ao interlocutor de que ele precisa buscar a coisa referida em conhecimentos previamente compartilhados, isto é, na sua memória discursiva (exemplo dos autores: “aquela hora que vc pensa em comer algo”).

Seja qual for o tipo de processo referencial, todos eles atuam na construção dos sentidos do texto e podem constituir uma excelente estratégia para o ensino da produção de texto, haja vista que, na referenciação, o locutor opera sobre o conjunto linguístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas em função de um querer dizer (KOCH, 2017), sendo, portanto, estratégica a ação de referir (CAVALCANTE, 2018). A referenciação é, pois, um mecanismo válido para se fazer cumprir o projeto de dizer do locutor.

Nessa perspectiva, algumas características se destacam no campo da referenciação, a saber, a de que ela é uma (re)elaboração da realidade, que resulta de uma negociação de sentidos e que se realiza como um processo sociocognitivo (CAVALCANTE, 2018; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Afirmar que a referenciação é uma (re)elaboração da realidade significa que, na atividade discursiva, os objetos do mundo e os referentes a eles correspondentes podem ser representados de diferentes maneiras (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014), isto é, eles são construídos/elaborados em um primeiro momento e depois, por um processo de recategorização, passam a ser reelaborados pelos sujeitos que estão em interação. Isso elucida a natureza mutável e subjetiva da referenciação ao referir os objetos do mundo e ao constituir os objetos de discurso.

Assim, a elaboração da realidade não ocorre por acaso; ela resulta de uma negociação de sentidos entre os interlocutores. A compreensão dos textos só acontece porque os participantes da interação partilham conhecimentos e, à medida que interagem, vão negociando os sentidos pretendidos.

Nesse processo, o locutor conta com os conhecimentos do interlocutor para que a comunicação ocorra, e este, por sua vez, depende dos recursos utilizados pelo falante para construir os sentidos do texto. A negociação é, assim, salutar para a referenciação, tanto para que, no percurso da interação, possam ser confirmadas caracterizações e propostas reformulações, como para evidenciar diferentes possibilidades de elaboração de um referente (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

Conceber a referenciação como um trabalho da sociocognição significa dizer que os mecanismos de construção de referentes, ou seja, os processos acionados para que a linguagem exerça sua função de referir, são de natureza sociocognitiva, uma vez que trabalhamos mentalmente para interpretar e compreender os textos (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Nessa perspectiva, as inferências que precisamos fazer, a partir de pistas cotextuais, para compreender como se articulam os processos referenciais no texto são de ordem cognitiva, mas também social, uma vez que são indissociáveis os vieses cognitivo e social da linguagem (CAVALCANTE, 2018), dado que a construção do conhecimento resulta das nossas experiências sociais.

A recategorização dos objetos de discurso deixa claro como se constitui a atividade referencial em um texto, ao propor versões (reelaborações) para a realidade e ao elucidar que a construção referencial requer a cooperação (negociação) entre os sujeitos da interação. O seu caráter sociocognitivo é confirmado quando, para a compreensão de um texto, faz-se imperioso acionar os conhecimentos prévios, os quais são mobilizados pelos elementos cotextuais e pela situação contextual em que se desenvolve a interação.

Na seção seguinte, aprofundaremos a discussão aqui começada acerca do processo de recategorização dos referentes e suas particularidades para o estabelecimento dos sentidos no texto.

### **A recategorização referencial**

A percepção de como os referentes são reelaborados no texto é essencial para a compreensão da função recategorizadora da referenciação. Na constituição desse processo, o locutor seleciona a expressão referencial mais adequada a seu propósito comunicativo e, ao longo da interação, essa expressão sofre uma ou mais reformulações, guiadas pela condição de produção do texto (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995). Nessa acepção, para a designação de qualquer referente, o locutor “pode deixar de lado a denominação-padrão correspondente ao nível básico da categorização do conceito e fazer as devidas adaptações à expressão” (LIMA, 2003), operando, pois, uma recategorização lexical.

Isso salienta que as anáforas recategorizadoras estão intimamente ligadas ao teor argumentativo do texto (SILVA; CUSTÓDIO FILHO, 2013), considerando que elas apresentam o posicionamento do locutor, fazendo-o prevalecer sobre o interlocutor, e podem

também explicitar o posicionamento de outros enunciadores que possam estar presentes no texto. Os autores, para ilustrarem esse processo, trazem o exemplo seguinte:

Aconteceu em Minas: uma mulher traída cortou o cabelo da amiga... Pois é, foi assim mesmo. Uma descobriu que a outra tava saindo com o marido da uma. Complicado? Na verdade não... se fosse só a clássica história de traição não teria nada demais. Mas a mulher traída era uma pessoa que queria (e sabia como) se vingar. Sabendo que o ponto fraco feminino são as melenas, não contou tempo: cortou tudo! Isso mesmo, fez com que a “amiga” fosse pra casa careca. As mulheres sabem como se vingar... Mas a história não acaba aqui. A careca entrou na justiça e processou a “cabeleireira louca” em 4 mil e 800 reais. Sim, e mais 600 reais pela peruca... Pois é... coisas do universo feminino. (SILVA; CUSTÓDIO FILHO, 2013, p. 63, grifo dos autores).

Os autores observam que as expressões sublinhadas, no excerto, têm a função de apresentar a posição do locutor acerca de dois dos objetos que vinham sendo construídos, quais sejam, a mulher que foi traída e a sua amiga, responsável pela traição. Apesar de os autores não pontuarem, destacamos que a expressão “mulher traída” é uma categorização inicial do objeto de discurso “esposa”, que não aparece homologado por uma expressão linguística no fragmento, mas é inferível pelos dados co(n)textuais). Depois, esse objeto é recategorizado como “uma pessoa vingativa”, “a cabeleireira louca” e “uma pessoa processada”. A recategorização pela qual passa o referente “esposa” explicita uma visão negativa do locutor em relação a essa mulher.

A outra cadeia referencial que se organiza em torno do referente “a amiga”, expresso verbalmente no texto, apresenta um processo recategorizador que transforma “a amiga” em “uma amiga traidora”, recategorização autorizada pela informação de que “a outra tava saindo com o marido da uma”, depois em “a careca” e, por último, em uma “autora de ação judicial”, que aparece implicitamente no trecho que notifica a instauração de processo judicial contra “a esposa”. Confirmamos, pois, pela análise que ora empreendemos, o caráter sociocognitivo, de (re)elaboração da realidade, negociado, cooperado e intersubjetivo da referenciação.

Outro aspecto que se destaca na abordagem dos autores é que se essa história fosse contada pela “amiga traidora”, por exemplo, ou por outra pessoa solidária a ela, é quase certo que a expressão “a careca” não integrasse essa rede referencial, haja vista que essa caracterização pode depreciar a imagem feminina. O mesmo aconteceria com a expressão “a ‘cabeleireira louca’” caso o fato fosse contado pela esposa (Cf. SILVA; CUSTÓDIO FILHO, 2013).

O que podemos perceber, nesse panorama, é que as recategorizações podem tratar tanto da forma como as expressões estabelecem a progressão referencial no texto como da organização do projeto argumentativo do locutor a partir de suas escolhas referenciais. Nessa esteira, é preciso dizer também que, nos textos, em suas diferentes semioses, pode ocorrer de o referente e/ou da expressão referencial recategorizadora, na condição de anáfora, não estarem expressos explicitamente. A esse fenômeno, Custódio Filho (2011) designou de recategorização “sem menção referencial”.

Ao revisitarem os parâmetros do processo de recategorização, Lima e Cavalcante (2015) contrapõem-se à denominação proposta por Custódio Filho (2011) pela ambiguidade que pode ser gerada pela expressão “sem menção referencial”, haja vista a rotulação não deixar claro se se trata somente do fato de o referente não estar materialmente expresso ou se engloba também as recategorizações anafóricas. As autoras sugerem, por outro lado, que tal fenômeno seja rotulado como “sem menção de uma expressão referencial”; esse rótulo, segundo elas, daria conta de recategorizações mais complexas em termos de explicitude do processo, uma vez que abrigaria três situações, a saber:

- 1) quando o referente recategorizado não é homologado na superfície textual, mas a sua recategorização é confirmada por uma expressão referencial;
- 2) quando o referente é homologado na superfície textual por uma expressão referencial, mas a sua recategorização somente é construída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, porém evocada por outras pistas linguísticas;
- 3) quando nem o referente nem a sua recategorização são homologados por expressão referencial na superfície do texto, mas ambos elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais. (LIMA; CAVALCANTE, 2015. p. 308).

A nosso ver, mais importante que a classificação dada pela literatura ao fenômeno da recategorização, esteja ele homologado ou não por uma expressão referencial, são os sentidos que se constroem a partir dele. Não estamos dizendo que não faremos uso dessa classificação, pelo contrário, estamos reforçando que, neste trabalho, para além da rotulação do fenômeno, apresentaremos os efeitos de sentidos construídos pelo processo da recategorização em um texto multimodal. Assim, em razão da análise que propomos desenvolver, apresentamos algumas considerações a respeito da inter-relação entre a referenciação e a multimodalidade.

### **Referenciação e multimodalidade**



A compreensão das multissemiões que entram na configuração dos textos exige uma concepção atualizada do que é texto. Os estudos mais recentes sobre o texto dão conta de que todos os textos comportam uma multimodalidade, até porque não se concebe mais a ideia de texto monomodal ou monossemiótico (DIONÍSIO, 2011). Nessa acepção, um texto verbal, seja escrito, seja falado, é um texto multimodal, uma vez que, ao falar ou escrever, utilizamos, pelo menos, dois modos de representação, como palavras e gestos, palavras e imagens, palavras e recursos tipográficos etc. (Cf. DIONÍSIO, 2011).

Uma concepção de texto que comporta suas muitas propriedades é a apresentada por Cavalcante *et al.* (2019), a qual emerge dos diálogos interdisciplinares que a LT mantém com diferentes perspectivas teóricas. Sob esse prisma, o texto é um evento concreto, dialógico, que comporta uma heterogeneidade de vozes, em que se instauram relações negociadas de sentido, pela atividade interativa dos interlocutores, pelos indícios cotextuais integrados ao contexto sociocultural, pelas determinações do gênero, pelas ligações intertextuais e pela contenda argumentativa que orienta a produção e a compreensão dos textos, além de sua configuração multissemiótica (CAVALCANTE *et al.*, 2019).

Inspirados na teoria da multimodalidade, concebemos o aspecto multimodal como um conjunto de semioses que se delineia na composição dos textos (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996). Com o avanço tecnológico, os textos ganham novas configurações linguísticas e passam a ocupar os mais diferentes tipos de suporte, ao fazer uso de multissemiões. Nesse sentido, nos textos verbo-imagéticos, o fator multimodal ganha mais destaque, pela integração do verbal ao imagético e pelo realce que, geralmente, é dado às formas visuais.

Concordamos, em consonância com Custódio Filho (2011), que a inserção da multimodalidade no campo da referenciação está ligada à ideia da construção da referência sem menção de uma expressão referencial, tendo em vista que nem sempre o objeto de discurso é introduzido ou (re)categorizado por uma expressão referencial. Assim, o interlocutor, para produzir sentidos por meio da prática recategorizadora dos referentes, precisa ir além dos elementos cotextuais; faz-se fulcral que ele acione, a partir das pistas que o texto oferece, seus conhecimentos prévios, adquiridos socialmente, para, somente então, instaurar a negociação de sentidos.

Acerca da multimodalidade, o autor analisa-a como parte do cotexto, por estar manifestada na materialidade da superfície textual. Nessa direção, para a abordagem das práticas referenciais, ao considerarmos o caráter multimodal dos textos, é imperioso que se analise “o papel dos recursos multimodais como ferramentas utilizadas pelo enunciador na

concretização de seu projeto discursivo, para o que é necessário estabelecer certos caminhos de interpretação dos referentes” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 176).

A interpretação dos processos referenciais pode acontecer de modos diferentes, principalmente em textos que integram as semioses verbais e imagéticas, já que não é possível prever qual elemento será acionado pelo interlocutor como introdução referencial. Isso confirma o caráter não linear da referenciação (SILVA; CUSTÓDIO FILHO, 2013), que não quer dizer que o interlocutor pode fazer “uma interpretação caótica ou completamente livre” dos mecanismos referenciais, pelo contrário, essa propriedade configura-se como uma ação produtiva que apresenta mais eficácia para o trabalho interpretativo (SILVA; CUSTÓDIO FILHO, 2013, p. 83). Na visão dos autores, só é possível conceber o princípio da não linearidade porque os sujeitos da interação, que acontece pela via do texto, são sabedores das complexidades envolvidas na compreensão textual e se dispõem a usar, de forma estratégica, os recursos à sua disposição.

Assim, na atividade de compreensão dos textos e, conseqüentemente, de produção de sentidos, é preciso considerar os elementos explícitos na superfície textual, o contexto de produção e o propósito comunicativo do locutor. Por isso, essa prática não é totalmente livre, nem pode ocorrer de forma aleatória; interpretar e compreender textos é uma prática orientada e regulada pelos princípios da interação.

Na seção seguinte, apresentamos os aspectos metodológicos que caracterizam esta análise.

### **A caracterização metodológica**

A pesquisa, que nestas linhas se desenvolve, configura-se como bibliográfica, haja vista nossa proposição à análise de um texto com base na literatura já difundida, ao fazer a aplicação de conceitos e verificar suas funcionalidades. Apesar da pesquisa bibliográfica ser confundida, muitas vezes, com uma revisão de literatura, suas funções não são equivalentes. A pesquisa bibliográfica vai além da busca de informações acerca de um dado assunto, da mesma forma que não é uma simples compilação dos achados dessas buscas (PAIVA, 2019), como se encarrega a revisão de literatura; nesse tipo de pesquisa, deve ser apresentado um resumo sobre o que já se publicou acerca do assunto, que deve estar avaliado e relacionado coesiva e criticamente, acrescentando o pesquisador explicações e observações sempre que se fizer necessário (PAIVA, 2019).

Consolida-se como uma pesquisa de natureza básica, de abordagem qualitativa e de caráter descritivo, caracterizando-se também como uma pesquisa teórica (PAIVA, 2019), por contribuir com uma nova abordagem para os estudos da produção de sentidos nos textos a partir das práticas referenciais em textos multissemióticos, e ampliar o conhecimento científico no campo da referenciação. Ainda pode ser definida como secundária, por se utilizar de conhecimentos já divulgados para só, então, partir para novas análises.

O *corpus* do qual se constitui a análise é uma charge, veiculada no jornal Diário do Nordeste, em 27 de julho do corrente ano. Sua publicação foi motivada pela conquista brasileira da medalha de prata na categoria *skate street feminino*, nos Jogos Olímpicos de 2021, na cidade de Tóquio, no Japão, pela *skatista* Rayssa Leal. A charge é de autoria do artista visual Thyago Cabral<sup>6</sup>, que é hoje o chargista oficial do jornal e assina seus textos pela alcunha “Thyagão”.

A escolha do suporte justifica-se por ser uma fonte de grande circulação regional e um dos principais jornais do estado do Ceará, que traz diariamente, no seu caderno Opinião, uma charge, abordando assuntos polêmicos do(s) dia(s) anterior(es), geralmente voltados para a política. A escolha do texto, por sua vez, deu-se porque pretendemos analisar a atividade referencial em um texto acentuadamente multimodal, que articule as semioses verbal e visual, sendo a charge um desses tipos de texto.

O texto do chargista, ao ser publicado pelo jornal, representa não somente a voz do artista, mas da própria mídia jornalística. Como a charge é, em sua essência, um texto jornalístico, reproduz um discurso que já foi, ou logo será, assunto de uma notícia e representa um acontecimento bastante falado pelos veículos de comunicação, além de, não podemos deixar de mencionar, pelo espaço que tem ganhado nos últimos anos, se tratar de algo intensamente reproduzido pelos perfis de redes sociais, chegando a alcançar os chamados “*trending topics*” do *Twitter*.

Nessa perspectiva, a produção de uma charge tem finalidades diversas, como enaltecer um fato ou uma pessoa, fazer uma crítica, ironizar uma situação, promover uma reflexão, comemorar um acontecimento, entre outras. O *corpus*, no qual se concentra esta análise, tem o intuito de celebrar a vitória brasileira, ao mesmo tempo que critica os obstáculos pelos quais a *skatista* precisou superar para se realizar como profissional. A construção de sentidos que explicitamos segue, portanto, o viés dos estudos referenciais, com foco no processo de recategorização referencial.

---

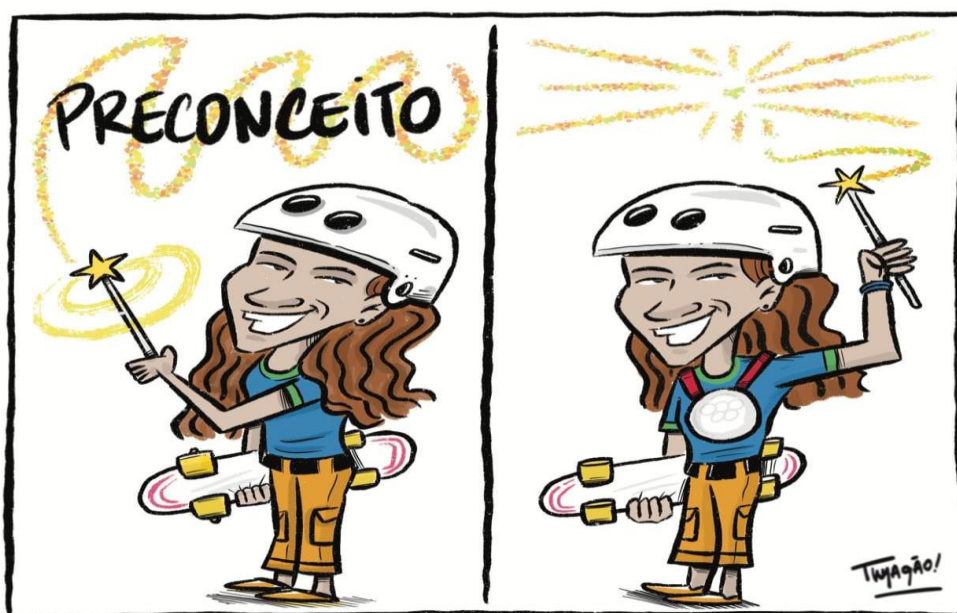
<sup>6</sup> Suas charges são publicadas diariamente no Caderno Opinião do jornal e nos perfis oficiais do jornal Diário do Nordeste, no *Facebook*, no *Instagram* (@diariodonordeste) e no *Twitter* (@diarioonline), e na sua página no *Instagram* (@historiassemquadrinhos).

A seguir, desenvolvemos a análise, com vistas à construção de sentidos pela ótica da referenciação e com base na síntese de literatura que apresentamos anteriormente.

### A construção de sentidos: o texto em análise

Conforme destacamos, a construção dos sentidos no texto leva em conta suas semioses constituintes. No caso dos textos multimodais, lidamos, na maior parte das vezes, com uma semiose verbal e outra, imagética, as quais se inter-relacionam na constituição textual, atuando, no cerne da atividade discursiva, na produção dos sentidos. Sob esse prisma, propomos analisar a charge a seguir pelo prisma da referenciação, e observar como a recategorização referencial conduz esse processo sociocognitivo-discursivo de estabelecimento dos sentidos.

**Figura 1 – A conquista da prata no *skate street* feminino**



Fonte: Diário do Nordeste (27/07/2021)

A charge em tela foi criada no contexto dos jogos olímpicos ocorridos em Tóquio, no Japão, e por ocasião do segundo lugar conquistado pela brasileira Rayssa Leal na modalidade *skate street* feminino, o que conferiu uma medalha de prata para o Brasil. Contudo, para a compreensão dos sentidos mobilizados pelo texto, precisamos dar conta de três importantes dimensões para a construção da coerência textual, estabelecidas por Cavalcante *et al.* (2017), a saber, os elementos socioculturais, os quais envolvem a situação de produção textual, os aspectos discursivos, que compreendem a interação verbal e o componente cotextual, e os conhecimentos prévios.

Nessa esteira, o enquadre sócio-histórico-cultural da charge, conforme já situado, é a conquista brasileira da medalha de prata nas Olimpíadas de Tóquio por uma jovem esportista de 13 anos. A atividade discursiva consiste na publicação de um texto por um jornal de grande circulação regional, o qual dialoga com seu público ao refletir sua opinião, por meio de um texto eminentemente argumentativo e com forte poder de persuasão, neste caso, a charge.

No tocante aos seus aspectos cotextuais, precisamos destacar alguns elementos presentes na superfície do texto, os quais, para serem compreendidos, acionam conhecimentos prévios. Nessas circunstâncias, em se tratando da atividade referencial, no primeiro quadro, podemos considerar duas sequências de leitura: uma em que a expressão verbal “preconceito” configura-se como a introdução referencial no texto e, em seguida, é anaforicamente associada aos elementos visuais que constituem a superfície textual; outra em que a imagem da *skatista* é acionada primeiro e a introdução referencial é estabelecida a partir dela, neste caso, teríamos a construção de um referente sem menção de uma expressão referencial (LIMA; CAVALCANTE, 2015).

É preciso atentar-se, conforme Cavalcante *et al.* (2017), que o processamento de um texto verbo-imagético pode não ser o mesmo para todos os interlocutores e, como o texto é uma entidade multifacetada (KOCH; ELIAS, 2018), são múltiplos os caminhos que podem ser percorridos para a produção de sentidos e, igualmente, múltiplos são os sentidos que podem ser construídos (CAVALCANTE *et al.*, 2019). Nesta análise, seguiremos a segunda sequência de leitura para que apresentemos alguns sentidos instaurados, a partir do nosso diálogo com o texto e das pretensões comunicativas do locutor.

Considerando, pois, os elementos visuais, no primeiro quadro, estabelecemos como objeto de discurso “a jovem atleta”, que se apresenta com um capacete de proteção e roupas nas cores, predominantemente, azul e amarelo, com pequenos detalhes na cor verde, as quais exaltam o patriotismo brasileiro, levando em conta a simbologia dessas cores para o país. “A jovem atleta” é também categorizada como uma “fada esportista”, tal categorização é autenticada pelos objetos associados à sua figura, isto é, um *skate* e uma varinha mágica, ambos segurados por cada uma de suas mãos. O propósito comunicativo do locutor, ao promover essa categorização, é de aludir a alcunha “Fadinha” pela qual “a jovem atleta” é popularmente conhecida, desde seus sete anos de idade, ao ser divulgado, na *internet*, um de seus vídeos praticando alguns *heelflips*, literalmente fantasiada de fada.

Na parte superior da charge, no primeiro quadro, está escrito, em letras maiúsculas e grandes, o nome “preconceito”, o qual a Fadinha tenta desfazer com o poder e a ação atribuídos

à varinha. A nosso ver, embora a expressão “preconceito” esteja materializada, ela assume, no texto, uma semiose imagética, configurando um obstáculo que “a jovem atleta” precisa combater. A expressão “A jovem atleta” sugere uma menina com habilidades para a prática esportiva, mas que ainda não é totalmente reconhecida por sua competência.

No segundo quadro, o objeto de discurso é recategorizado como “a atleta jovem”, em que, fazendo uma leitura dos elementos cotextuais, verificamos a imagem da jovem, de maneira bastante similar à forma como foi apresentada no primeiro quadro, entretanto, ela passa por um processo de transformação. Já não é mais somente uma jovem atleta que busca reconhecimento na modalidade *skate street*, mas uma atleta que, mesmo jovem, conquistou o segundo lugar de maior destaque nessa categoria esportiva e consagrou-se profissionalmente em todo o mundo.

A recategorização referencial é validada pela medalha de prata que ela carrega no pescoço, cujo tamanho foi ampliado pelo chargista. A imagem do “preconceito”, que se destacava no primeiro quadro, desaparece, elucidando realmente o poder da fada. O preconceito sugerido pelo locutor faz referência à discriminação sofrida pela atleta ao ouvir, de quase todas as pessoas que se aproximavam dela, o discurso machista de que o *skate* é um esporte para homens e, em consequência disso, foi desacreditada como esportista. A conquista da prata representa, portanto, uma quebra desse preconceito, já que ela mostrou que o *skate* também é um esporte feminino.

A recategorização referencial presente na charge, além de evidenciar a vitória brasileira e a premiação da *skatista* nas Olimpíadas deste ano, metaforiza, por meio de seus elementos visuais, o talento e a preparação da atleta que a levaram ao segundo lugar na modalidade *skate street*, e, por conseguinte, revela para todo o mundo a necessidade de se combater o preconceito. Tal compreensão só é possível pelo acionamento dos conhecimentos prévios acerca da história de vida da jovem e do contexto em que os jogos, em suas diferentes modalidades, ocorrem.

Nessa conjectura, esse processo referencial é classificado como uma recategorização sem menção de uma expressão referencial (LIMA; CAVALCANTE, 2015), dado que, conforme vimos na abordagem das autoras, essa denominação também se aplica quando, em um texto, nem o referente nem a sua recategorização estão explicitados pela presença de uma expressão referencial, mas podem ser inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos, os quais são evocados pelas pistas que o texto oferece.

A esse respeito, com base os postulados de Marcuschi (2017), esse tipo de ancoragem ocorre nas informações do mundo precedente à atividade discursiva. Nas palavras do autor, as anáforas são fundadas em “conhecimentos retrabalhados por estratégias inferenciais

maximizadas pelo conjunto de conhecimentos textuais mobilizados” (MARCUSCHI, 2017, p. 64). Isso quer dizer que, para operar com a recategorização referencial anafórica, faz-se necessário um trabalho cognitivo maior do que em outros processos.

Na charge em questão, para a ativação do referente “a jovem atleta”, construído pela ancoragem em conhecimentos prévios, também designados conhecimentos enciclopédicos, semânticos ou de mundo (KOCH, 2017), é preciso saber (i) que a jovem em cena é uma *skatista* brasileira de 13 (treze) anos, que está categorizada como fada em alusão ao seu apelido; (ii) que as cores azul e amarelo das suas vestimentas ilustram o seu patriotismo; (iii) que a simbologia dessas cores na representação do país é tão forte que, no futebol brasileiro, por exemplo, são as cores dos dois tipos de uniformes usados pela seleção; e (iv) que a figura do preconceito foi trazida à tona porque, por toda a sua vida, foi estigmatizada por praticar um esporte “batizado” pela sociedade como tipicamente masculino. A sua recategorização em “a atleta jovem” só é possível (i) pelo conhecimento de que ela conquistou uma medalha olímpica pela classificação no segundo lugar da categoria *skate street* feminino e (ii) por sabermos de que certos paradigmas, que estão alicerçados na estrutura patriarcal do nosso país, só podem ser combatidos quando alguém prova o contrário do que diz o senso comum.

Nessa acepção, ratificamos que qualquer interlocutor que não tenha esses conhecimentos prévios não poderá atribuir esses sentidos ao texto, uma vez que os referentes ora apresentados não estão homologados explicitamente na configuração do texto. Como a atividade referencial pode ser instituída através de diferentes semioses, aliado ao conhecimento enciclopédico, é fundamental que outros conhecimentos, a exemplo do interacional (Cf. KOCH, 2017), sejam partilhados entre os interlocutores para que a interação se estabeleça e tenha seus propósitos atingidos.

Assim, os sentidos construídos pela recategorização referencial, com base na relação entre os aspectos socioculturais e discursivos e nos conhecimentos prévios do interlocutor sobre a esportista e o contexto de realização dos jogos, atestam a natureza sociocognitiva da referenciação, uma vez que tais dados não estão explicitados na estrutura do texto, além de salientar seu caráter intersubjetivo e negociado, que, para Cavalcante *et al.* (2017), é sempre sociocultural e ideologicamente ancorado.

Os textos multimodais, ao fazerem uso das semioses verbal e imagética, possibilitam a construção de múltiplos sentidos os quais se diferenciam de um interlocutor para outro, seja pela ampliação, seja pela limitação dos conhecimentos prévios, seja por uma postura mais crítica e revolucionária, seja pela maior ou menor empatia com o locutor, enfim, uma série de

fatores contribui para a produção dos sentidos no texto. Ademais, levando em conta que, no caso desta análise, lidamos com o gênero charge, é preciso ponderar sobre o seu caráter efêmero, tendo em vista que o contexto de produção desse gênero é um acontecimento quase que simultâneo à atividade de produção de texto. A leitura dessa charge em outro momento interativo pode afetar, em demasia, a percepção da recategorização referencial pelo interlocutor e, conseqüentemente, os sentidos pretendidos pelo locutor não teriam os mesmos efeitos.

A referenciação, portanto, é um mecanismo salutar para o estabelecimento dos sentidos em um texto. Apesar dos estudos acerca dos processos referenciais em textos multimodais serem recentes e ainda estarem em pleno desenvolvimento, sobretudo, aqueles que abordam a recategorização sem menção de uma expressão referencial, atestamos que tais textos constituem uma fonte importante para essas análises, pela natureza argumentativa da recategorização, no sentido de manipular o interlocutor a concordar com o posicionamento do locutor ou a posicionar-se contra uma dada situação comunicativa, devido ao caráter intertextual que esses textos, e principalmente, a charge, mantêm com outros.

### **Considerações finais**

A pretensão de se evidenciar que os textos multimodais, os quais integram diferentes semioses em sua constituição, poderiam constituir um vasto campo para a produção de sentidos inspirou-nos esta análise. Com base nesta discussão, verificamos que, além de ser um espaço propício à recategorização referencial, os textos multissemióticos possibilitam a construção de múltiplos efeitos de sentido, pelo caráter não linear da referenciação, que se confirma pela heterogeneidade do percurso referencial, isto é, os interlocutores podem seguir caminhos diferentes para a produção de sentidos, uma vez que o elemento que pode funcionar como introdutório do processo pode não ser o mesmo para todos os interlocutores, principalmente em se tratando de textos que articulem as semioses verbal e visual, com predominância desta última.

Pelo viés metodológico, a pesquisa não cogitou ser exaustiva, por não haver um esgotamento dos sentidos e pela possibilidade de a atividade referencial seguir outro percurso que não o apresentado aqui. As variadas abordagens sobre a referenciação, e mais particularmente, sobre a recategorização referencial, constituem um terreno fértil e este trabalho cogita um espaço nesse vasto campo de pesquisas. Pelo viés teórico, a literatura utilizada foi



suficiente para o estudo da função recategorizadora da referenciação, por alargar o nosso horizonte de compreensão acerca do fenômeno.

Atestamos, pois, que os textos multimodais, que integram multissemioses, constituem um rico campo para o estudo da referenciação e uma cara estratégia para o ensino da produção de texto, pelas possibilidades de trabalho em razão da articulação de diferentes linguagens. Os sentidos construídos nesta pesquisa podem servir de inspiração para que novos sentidos sejam construídos, a partir de outros textos, por professores e alunos em contextos de aprendizagem. Os recursos visuais em um texto, a exemplo da charge, na qual está centrado este trabalho, assumem funções semelhantes aos recursos linguísticos e isso não pode passar despercebido por alunos e professores.

## Referências

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. Construction de la référence et stratégies de désignation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J (eds). **Du sintagme nominal aux objets-de-discours**: SN complexes, nominalizations, anaphores. Neuchâtel: Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995. p. 227-271.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* Coerência e referenciação. In: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. (org.). **Linguística textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 91-107.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 330f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

DIÁRIO DO NORDESTE. Caderno Opinião. Fortaleza, 27 jul. 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/opinioao>. Acesso em: 29 jul. 2021.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011. p.137-152.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. 1. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London, New York: Routledge, 1996.

LIMA, S. M. C.; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **ReVEL**, v. 13, n. 25, p. 295-315, 2015.

LIMA, S. M. C. **(Re)categorização metafórica e humor: trabalhando a construção de sentidos**. 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *In*: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017. p. 53-101.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018 [1995]. p. 17-52.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

RAMOS, P. Estratégias de referenciação em textos multimodais: uma aplicação em tiras cômicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 743-763, set./dez. 2012.

SILVA, F. O.; CUSTÓDIO FILHO, V. O caráter não linear da recategorização referencial. *In*: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (org.). **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

## **AN APPROACH ON REFERENTIAL RECATEGORYZATION: WORKING ON THE CONSTRUCTION OF MEANING IN MULTIMODAL TEXT**

### **ABSTRACT**

The present article is a study on the construction of meaning that is established by the process of referential recategorization, in order to show that multimodal texts are a rich contribution to the referential activity and, consequently, for a vast production of meaning. This work results from a bibliographical research, with a qualitative approach. The theoretical foundation is based, above all, on the studies of Cavalcante *et al.* (2017), Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014), Custódio Filho (2011), Lima and Cavalcante (2015), and Silva and Custódio Filho (2013). The analysis is organized around a charge, in which, in order to produce its effects of meaning, it appropriated the referential recategorization strategy. Attending to the universe of this research, therefore, the results attest that the recategorization has a significant value for the construction of meanings in multisemiotic texts, revealing itself as a promising strategy for teaching text production.

**Keywords:** Referencing. Recategorization. Multimodal Text. Meaning Construction.

**Envio: setembro/2021**